

UMA ANÁLISE DO MODELO DE HOMEM EM TOMÁS DE AQUINO (SÉCULO XIII)

Lorena Faccin Rosa¹

Terezinha Oliveira²

RESUMO

Este estudo refere-se a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo objetivo foi analisar o modelo de formação humana proposto por Tomás de Aquino para os homens do século XIII, por meio de Questões da *Suma de Teologia*, Questão 41 intitulada Rixa, parte II-II. Os principais autores que fundamentaram esta pesquisa, além de Tomás de Aquino, foram Chenu (1967) e Le Goff (2005). O pressuposto metodológico baseou-se na obra *Apologia da História ou Ofício do Historiador*, de Marc Bloch (2001), na qual o autor indica caminhos e formas de estudar história. Nesse sentido, o intuito desse texto foi apresentar, ao leitor, o entendimento de que o mestre dominicano buscava a formação de homens virtuosos.

Palavras-Chave: Tomás de Aquino; Formação humana; História da Educação.

ABSTRACT

This study refers to a Work of Conclusion of Course (CBT), whose objective was to analyze the human training model proposed by Thomas Aquinas for the men of the 13th century, through issues of Short of theology, Issue 41 entitled Feud, part II-II. The main authors which motivated this research, in addition to Thomas Aquinas, were Chenu (1967) and Le Goff (2005). The assumption was based on methodological work *Apologia of the story or the Craft Historian* Marc Bloch (2001), in which the author indicates paths and ways to study history. In This sense, the aim of this text is to present, to the reader, the understanding that the Dominican master sought the formation of virtuous men.

Keywords: Thomas Aquinas; Human formation; History of Education.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: lorenafaccinrosa@gmail.com

² Doutora em História e Pós-Doutora em Filosofia da Educação. Professora na Universidade Estadual de Maringá. Orientadora do respectivo trabalho. E-mail: teleoliv@gmail.com

INTRODUÇÃO

O propósito deste texto é analisar nas obras de Tomás de Aquino qual é a concepção de homem que ele sugeria as pessoas medievais do século XIII, bem como eles poderiam ser educados para este fim. Desse modo, elegemos a questão 41 da Rixa, da *Suma de Teologia* (II^a-II^a), na qual o mestre aborda o vício da rixa e apresenta orientações sobre como agir em situações em que ela se manifesta nas relações sociais.

Essa pesquisa é resultado de estudos, na esfera de iniciação científica, orientados pela Professora Dr^a. Terezinha Oliveira, sobre as questões do Respeito (*ST*, II^a-II^a, q. 102), da Guerra (*ST*, II^a-II^a, q. 40), da Rixa (*ST*, II^a-II^a, q. 41) e do Bem (*Tratado do bem*, q. 21), durante a graduação em Pedagogia. Esse trabalho vincula-se, também, ao *Grupo de Pesquisa Transformações Sociais e Educação nas épocas Antiga e Medieval* - GTSEAM, coordenado pela Prof. Dr^a. Terezinha Oliveira, que se dedica a investigações referente aos períodos da antiguidade e medievalidade. Nossa análise teve por objetivo entender qual era a importância dessas questões propriamente sociais para os homens medievais. Inicialmente, iríamos apresentar todas elas, mas, devido a densidade e a complexidade em uni-las, selecionamos o vício que encontramos com mais frequência em nossas relações pessoais e profissionais atuais, a 'rixas'. Todavia, no decorrer do texto, elas serão apresentadas para auxiliar nosso debate, pois só foi por meio da análise de todas que surgiu o interesse e a possibilidade de nos propormos discutir o modelo de homem Tomasiano.

A obra principal que fundamentará o nosso texto é a *Suma Teológica*, seguida das leituras complementares de autores como Chenu (1967), Le Goff (2005), Pierpauli (2007) e Oliveira (2005). O pressuposto metodológico a qual seguimos, é o da História Social, presente na obra *Apologia da História ou Ofício do Historiador*, do autor Marc Bloch (2001). Este livro foi escolhido para nortear nosso estudo por ser uma obra que pode orientar àqueles que se dispõem a estudar a história.

Bloch (2001), nesse sentido, afirma que a “[...] ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação” (BLOCH, 2001, p. 63). Esta afirmação é relevante para nós, pois ela embasa a nossa pesquisa que busca contribuir com o

presente pela compreensão do passado. Ao entender o que o pensamento de Tomás de Aquino significou para o seu tempo, nós temos a oportunidade de compreender que o nosso presente foi construído pelas relações sociais anteriores ao da nossa época.

Bloch (2001), também reitera que “[...] para fazer uma ciência, será sempre preciso duas coisas: uma realidade, mas também um homem” (BLOCH, 2001, p. 128). Nesses termos, ele nos aponta que só existe história, ciência e conhecimento porque existem homens; estes são os criadores de tudo o que conhecemos e que constitui a nossa existência, seja trabalho, relações pessoais e interpessoais, governo, política, capitalismo, arte, tudo que não é próprio da natureza. Portanto, entende-se que o estudo da história é o estudo dos homens, e de tudo o que os envolve no tempo.

Tendo estas reflexões como ponto de partida para entender os homens na história, observamos que este trabalho organiza-se da seguinte forma: Primeiramente, contextualizamos o tempo histórico em que Tomás de Aquino viveu e escreveu a sua teoria. Por conseguinte, trataremos sobre qual é a importância de estudar este Mestre para a educação. Na sequência, analisamos as questões propostas com o intuito de entender, por meio delas, qual o modelo de homem, o teólogo filósofo Tomás de Aquino buscava formar. Por fim, teceremos nossas considerações finais.

TOMÁS DE AQUINO: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O SÉCULO XIII.

Analisar e compreender a teoria de um determinado intelectual³ é ter a responsabilidade de conhecer seus escritos e, a partir deles, refletir de que modo suas formulações influenciaram o tempo em que ele viveu. Tomás de Aquino foi um frade dominicano e mestre da Universidade de Paris, sendo considerado um filósofo escolástico e doutor da Igreja Católica. Ele contribuiu muito com seu meio, seja pelo conhecimento científico, seja pelo conhecimento religioso.

³ A nomenclatura de intelectual a qual iremos atribuir, neste texto, a Tomás de Aquino provém da obra *Os intelectuais na Idade Média*, de Jacques Le Goff (1995). Neste livro, o autor propõe que os intelectuais são todos aqueles que se dedicam a aquisição e a transmissão de conhecimentos, assim como o mestre Tomas de Aquino foi.

Dessa forma, Lauand (2012) propõe que:

Tomás de Aquino (1224/5-1274) é, sem dúvida, o mais importante pensador medieval. Sua filosofia – indissociável da teologia, em sua época – tem importantes projeções pedagógicas, também para o educador de hoje, para além do interesse meramente histórico (LAUAND, 2012, p. 11).

Nessa perspectiva, o Mestre Dominicano foi um intelectual de destaque para o seu período histórico. Observa-se que ainda é para o nosso, na medida em que a figura do professor pode encontrar na teoria dele fundamentos teóricos relevantes para o seu trabalho educacional.

Em relação ao seu trabalho de cunho teológico e filosófico, Pierpauli (2007) destaca que os escritos de Tomás de Aquino só podem ser compreendidos se se conhece a realidade histórica da sua época. Percebe-se, pois, que suas obras eram voltadas às necessidades do seu meio.

Foi no século XIII que o mestre viveu sua vida. Este período, em especial, foi marcado por profundas mudanças na estrutura da sociedade medieval e, conseqüentemente, no modo de viver humano. Le Goff (2005) salienta que o Ocidente Medieval nasceu das ruínas do mundo romano, que foram ocasionadas pelas disputas de posses entre romanos e bárbaros⁴. Nesses termos, a forma de viver dos homens medievais era baseada na fusão de duas culturas distintas e convergentes, que juntas resultaram em um mundo especificamente rural.

Com o passar do tempo a vida rural se tornou estável e a população aumentou consideravelmente, possibilitando aos homens produzirem para além de sua sobrevivência. Os recursos destaca Le Goff (2005), não eram mais escassos para serem destinados somente ao sustento da família. Ao contrário, eles passaram a exceder o necessário à sobrevivência, o que proporcionou aos homens a oportunidade de iniciarem atividades de trocas com o fito de obterem lucro.

Dessa forma, o homem medieval pode começar a produzir produtos específicos e o que ele viesse a precisar ele poderia trocar. Um tecelão, por exemplo, poderia trocar sua mercadoria por trigo e assim por diante. Com as atividades de troca, cada vez mais frequentes, um encontro voltado

⁴ Povos Germânicos que invadiram o mundo romano, entre eles os Visigodos e os Ostrogodos.

especificamente para a realização destas se tornou uma consequência lógica. Portanto, os homens começaram a se reunir em grandes feiras, como a de Champanhe, nas antigas cidades romanas. A esse respeito Le Goff (2005) afirma que:

[...] Certamente as cidades atraíram *homines novi*, recém-chegados evadidos do campo, das *familiae* monásticas, livres de preconceitos, prontos a negociar e obter ganhos, mas com eles, misturados a eles ou dando-lhes ajuda – emprestando-lhes o dinheiro que só eles tinham no início -, estavam os membros das classes dominantes: a aristocracia fundiária e o clero tiveram um papel determinante (LE GOFF, 2005, p. 70, grifos do autor).

A chegada dos homens, vindos do campo, nas cidades resultou em duas grandes transformações, desde fins do século XI e se intensificou no século XIII: a primeira é o renascimento das cidades e a segunda o advento das atividades comerciais. Estes acontecimentos, totalmente inovadores para o período, exigiram das pessoas novas formas de se relacionar, sejam nos seus negócios, sejam na vida pessoal.

A necessidade, como lembrou Le Goff (2005), de os homens se relacionarem com os detentores do poder, só aconteceu por razão do comércio, pois este trouxe a possibilidade de uma nova forma de vida. Consideremos os apontamentos do autor sobre as transformações citadinas:

Mas as cidades desempenham também o papel de centros de troca. Durante muito tempo apenas os produtos de luxo (tecidos, pastel, especiarias) ou de primeira necessidade (sal) alimentaram o comércio. As mercadorias pesadas (grãos, madeira) só lentamente passaram a fazer parte deste comércio. Algumas praças bastavam para assegurar a venda destes produtos e as práticas mercantis rudimentares que as acompanham – em particular o câmbio de moedas. Nos séculos 12 e 13 e as feiras Champanhe constituíam o principal centro comercial. Portos e cidades da Itália e do Norte da Alemanha então emergiam (LE GOFF, 2005, p. 73).

Entende-se com este excerto que as atividades comerciais se estabilizaram gradativamente nas relações humanas. Com o tempo, estas se

tornaram fundamentais para os homens e trouxeram com elas a urgência de que eles entendessem a arte do comércio.

Nesse contexto, Le Goff (1991) destaca a figura do mercador:

Nesse nascimento e desenvolvimento de uma cultura laica, o mercador desempenhou um papel capital. Para seus negócios, tem necessidade de conhecimentos técnicos. Por sua mentalidade, visa ao útil, ao concreto, ao racional. Graças ao dinheiro e ao poder social e político, pode satisfazer suas necessidades e realizar suas aspirações (LE GOFF, 1991, p. 103).

Os comerciantes ou mercadores, assim como o autor os chamam, precisavam de ensino, o qual implicava um ambiente propício para aprender. A instituição criada e incumbida da responsabilidade de atender as necessidades de conhecimentos práticos, que auxiliassem os homens em suas tarefas cotidianas, foi primeiro as escolas laicas do século XII e, no século XIII, a Universidade. Esta, como um ambiente destinado ao saber, tornou-se muito mais do que uma escola técnica, transformando-se em um ambiente de reflexão e entendimento do eu e do meio ao qual pertencem.

Oliveira (2005) observa que a “[...] universidade cria, deste modo, a possibilidade de os homens buscarem, por meio da razão e não mais apenas por meio da religião, a explicação para as suas relações (OLIVEIRA, 2005, p. 6)”. A partir do momento em que o mundo romano sucumbia, a Igreja Católica tornava-se a responsável pelo saber e pela transmissão aos homens o conhecimento que eles precisavam. Isto foi possível, porque no início da Idade Média ela era a única instituição que poderia exercer o papel de líder e educadora, devido a sua organização e postura social (OLIVEIRA, 2010, p. 268).

Essas mudanças, ocorridas no século XIII, propiciaram que novas formas de pensar fossem desenvolvidas pelos homens, de modo que fosse possível a estes compreenderem o novo que estava se manifestando pela perspectiva racional e não mais pela religiosa dominante. Nessas condições, Oliveira (2008) destaca que:

A igreja era quem até o momento, além de acompanhar todos os acontecimentos da sociedade, sempre apresentava

reflexões e explicações sobre os homens e suas relações para os cidadãos medievais. Eles, por sua vez sempre aceitaram e acataram essas explicações. Porém, com todos os acontecimentos citados anteriormente, a igreja não conseguiu mais atender os anseios e as dúvidas do povo, pois, as transformações ocorridas amadureceram a sociedade e sua forma de pensar. O homem já não queria e nem podia mais se explicar pela religião, e é neste momento em que eles buscam a razão para atender suas expectativas. Esse espírito de liberdade e de urbanidade é possível nas cidades em virtudes das mudanças de comportamentos, da criação de leis, mas, fundamentalmente, em razão do surgimento de uma compreensão nova de viver e viver em comunidade, proveniente da circulação do comércio e das ideias (OLIVEIRA, 2008, p. 238).

Desse modo, a autora afirma que a Igreja deixa de ser a principal fonte de conhecimento, dando esse espaço à uma nova instituição que estava se consolidando, a Universidade, a qual se tornou, pouco tempo depois, o principal *lócus* de saber medieval. Sendo um ambiente de conhecimentos e saberes, a Universidade organizou-se como um lugar no qual se criava, reproduzia e se propagava diversas perspectivas do filosofar.

Para Le Goff (2005), a principal mudança no ensino, desenvolvida no e para o século XIII, foi a Escolástica:

[...] Um novo tipo de ensino e de conhecimento, a escolástica, apoiada numa instituição nova, a universidade, continua a ser clerical mas desenvolve o espírito crítico e favorece em suas margens o desenvolvimento de saberes e competências jurídicas e médicas que escaparão ao controle da Igreja (LE GOFF, 2005, p. 10).

A escolástica foi a forma de pensar predominante nas universidades medievais, pois tratou-se de uma filosofia que compreendeu o homem medieval como ele era, um homem religioso, mas também social. Dessa maneira, a escolástica expressou o surgimento de um modo de entender e explicar o mundo sob uma perspectiva totalizante na qual fé e razão eram uma única coisa, logo eram indissociáveis.

Nesse contexto, um dos maiores precursores dessa filosofia e atuando como mestre universitário foi o frade Tomás de Aquino. Por meio de seus escritos, constatamos que ele se tornou responsável por compreender e

contribuir com a nova organização social que se apresentava. À medida que este novo, representado pela cidade, pelo comércio, pela escolástica se consolidava, os homens do campo se deixaram tomar pelo espírito de urbanidade e a necessidade de conhecimentos. Desse modo, o conhecimento necessário ao comércio e as atividades práticas juntou-se com a necessidade de saber se portar no novo.

O mestre Tomás de Aquino, percebendo essa necessidade, tece, na maioria dos seus escritos, contribuições e orientações sobre o seu meio e de como os homens deveriam agir nas mais diversas situações, seja de respeito, piedade, amor, bem ou rixa. Assim, faz-se necessário destacarmos sua influência no campo da educação.

CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE.

As reflexões acerca de qual seria a formação escolar adequada para os nossos jovens e crianças estão cada vez mais frequentes em eventos⁵, palestras, aulas e, até mesmo em rodas de conversas informais. Essas preocupações resultam do atual cenário político brasileiro e, em especial, das propostas educacionais que o governo tem apresentado.

A Reforma do Ensino Médio, ou a medida provisória 746, proposta em 2016, por exemplo, foi motivo de controvérsias e opiniões distintas de muitas pessoas que se posicionaram, independentemente de seu nível de conhecimento ou classe social.

Nesse sentido, foi pensando em uma educação ímpar, que educasse cidadãos críticos, reflexivos e participativos, que recuperamos, por meio da história, e apresentamos o modelo de formação Tomasiano. Esse modelo de formação, para os homens medievais do século XIII, foi identificado por meio dos nossos estudos e análises de partes da obra de Tomás de Aquino.

⁵ Podemos elencar alguns exemplos. Anualmente, acontecem as semanas de Pedagogia realizadas, organizadas pela Universidade Estadual de Maringá. Neste ano, no dia 10/10/2016, ocorreram palestras explicativas sobre a Medida Provisória 746 e a PEC 241/2016, ministradas pelas professoras, da Universidade Estadual de Maringá, Eliana Koepsel, Maria Eunice e Marta Belini.

Refletir sobre o pensamento e a posição teórica de Tomás de Aquino, um homem que escrevia para o seu tempo, é possível porque ele analisou questões 'naturais' aos homens. Por mais que a forma de compreendê-las possa se distinguir de autor para autor, de século para século, essas questões, continuam presentes nas civilizações. Desde os primórdios, até os dias atuais, há relatos de situações marcadas por conflitos, guerras, respeito, rixas e, assim por diante. Isso nos permite recuperar a teoria de um mestre medieval e repensá-la na atualidade.

No que se refere a educação para Tomás de Aquino, as palavras de Lauand (2006), em uma entrevista para a revista *Instituto Humanitas Unisinos - IHU*, reiteram que:

Ensinar é, pois, uma educação do ato; uma condução da potência ao ato que só o próprio aluno pode fazer. Tomás está distante de qualquer concepção do ensino como transmissão mecânica; o professor, tudo o que faz é "en-sinar" (insegnire), apresentar sinais para que o aluno possa por si fazer a educação do ato de conhecimento, no sentido da sugestiva acumulação semântica que se preservou no castelhamo: enseñar (ensinar/mostrar): o mestre mostra! Assim, é altamente sugestiva a genial comparação da aprendizagem com a cura e a do professor com o médico, no art. 1 do *De Magistro* (LAUAND, 2006).

Todas as pessoas são capazes de aprender e ensinar, se proporcionarem a elas meios necessários para isto. O professor, como a pessoa que detém o conhecimento deve mostrá-lo e mediá-los aos seus alunos e, estes, por vontade própria, devem escolher se querem ou não tomar posse daquele conhecimento.

Torna-se relevante destacar alguns apontamentos de Oliveira (2009), sobre a importância do professor para Tomás de Aquino:

Ainda a respeito dos aspectos relativos à atuação do professor, o mestre Dominicano destacava que, de todas as profissões, a única capaz de transformar e infundir no outro as mesmas habilidades era a do mestre. "O médico cura não porque tem a saúde em ato, mas porque tem o conhecimento da arte médica; já o professor ensina precisamente porque tem o conhecimento em ato" (TOMAS DE AQUINO, 2001: 43). Com efeito, o médico era capaz de curar o outro e, às vezes, até de curar a si mesmo. O mesmo processo ocorria com o arquiteto,

outro exemplo dado por Tomás de Aquino, que planejava construções. Mas, ambos não podiam infundir no outro seus saberes enquanto profissões. Somente poderiam fazer isso se tornassem professores de suas artes. Todavia, o professor tinha por princípio da profissão ensinar e transformar o outro (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

A autora assinala que, para Tomás de Aquino, o professor é aquele que infunde no outro os seus saberes, ou seja, ao dar uma aula os alunos ouvem sobre o conhecimento do professor, tendo, assim, a possibilidade de absorvê-lo.

Desse modo, de acordo com Lauand (2006) e Oliveira (2009), Tomás de Aquino defende dois aspectos importantíssimos para a educação. O primeiro é a busca por uma educação que compreenda a totalidade do ser humano. No ambiente no qual o mestre estava inserido, a instituição da Igreja entendia os homens somente como almas que precisavam ser ensinadas a focalizarem suas vidas em Deus. Com a difusão dos escritos aristotélicos, no século XIII, Tomás de Aquino, baseado neles, compreende o homem como um ser com alma, mas, também, com materialidade. Com efeito, a educação deveria ser voltada para formação do homem em sua totalidade, considerando sua alma e também sua materialidade, suas experiências e sua sociabilidade; uma educação que buscamos essencialmente ainda. O segundo é que o professor deve estudar muito, conhecer muito, para que seus alunos possam aprender com ele e, acima de tudo, se transformar por meio do conhecimento dele. Se por ventura o professor não estudar o suficiente, ele será um mero reprodutor de informações, o que impede que a transformação intelectual de seus alunos aconteça e que os alunos sejam formados em sua totalidade.

Se considerarmos as reflexões de Tomás de Aquino sobre a educação, encontraremos nelas fundamentos históricos relevantes para as questões educacionais do século XXI e sobre o modelo de cidadão que queremos educar. É, pois, a partir dessas proposições que trataremos sobre a questão da Rixa segundo o Mestre Dominicano.

O VÍCIO DA RIXA PELA PERSPECTIVA TOMASIANA

A questão da Rixa, segundo Chenu (1967), está inserida na obra mais significativa de Tomás de Aquino, a *Suma Teológica*.

A obra-prima de magistério de Santo Tomás está composta, efetivamente, por questões disputadas que, na efervescência universitária dos anos 1250, causaram sensação: sessões solenes em que o mestre, após enunciar o tema da discussão e suas principais articulações, submetia-os, durante várias horas, à controvérsia de seus pares. Tais foram concretamente, em Paris, durante os três primeiros anos de seu professorado, as vinte e nove questões sobre a verdade, denominadas assim pelo título da primeira (CHENU, 1967, p. 48).

Todas as questões presentes na *Suma*, inclusive a Rixa, foram desenvolvidas a partir de debates sobre determinado tema. Isto é, o mestre lançava uma questão para ser discutida entre os alunos e os professores da Universidade de Paris. Na sequência, o Mestre apresentava as formulações de ‘autoridades’ que se posicionavam de forma favorável e daqueles que se posicionavam de forma contrárias. Nesse interim, os alunos participavam da aula emitindo suas posições. Somente após intensa discussão o Mestre apresentava a sua opinião sobre a questão e esta era denominada de ‘solução’. Alguém, sempre era responsável por tomar nota de tudo e de todos os argumentos que haviam sido usados. Tomás de Aquino, como mestre universitário, instigava esses debates e, segundo os estudiosos de Tomás de Aquino, a *Suma Teológica* foi escrita a partir destas anotações.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa Silveira Bueno (2007, p. 127) rixa significa “[...] briga, contenda e desordem [...]”. Para Tomás de Aquino, assim como no dicionário, a rixa é uma briga, uma guerra entre duas pessoas que deve ser evitada. A Questão 41, na qual ele discute sobre o a *Rixa*, é composta por dois artigos: 1. A rixa é um pecado? 2. A rixa é filha da ira?

No primeiro artigo, Tomás de Aquino discute o porquê da Rixa, em algumas situações, ser um pecado, se ela trata de uma guerra privada e se ela é um pecado quando praticada por legítima defesa. De fato, para o mestre, a Rixa é um vício que caso seja cometido, deve ser cometido com moderação para não se tornar um pecado e afetar negativamente as relações sociais.

No segundo artigo, ele trata da relação da rixa com outros pecados como a ira, a vanglória e o ódio. Consideremos, pois suas palavras:

[...] A rixa aparece, portanto, como uma guerra privada, que acontece entre pessoas privadas, não em virtude de alguma autoridade pública, mas em virtude de uma vontade desordenada. Por isso, a rixa implica sempre um pecado. Naquele que ataca um outro injustamente, é pecado mortal, pois prejudicar o próximo agredindo-o corporalmente, não acontece sem pecado mortal.

Mas, naquele que se defende, pode acontecer sem pecado ou com pecado venial e às vezes com pecado mortal, segundo os diferentes movimentos de seu ânimo e os diferentes modos de se defender. Se se defende unicamente com o espírito de repelir a injúria feita e com a devida moderação, não há pecado e não se lhe pode atribuir rixa propriamente dita. Mas se se defende num espírito de vingança ou de ódio, ou extrapolando a devida moderação, há sempre pecado. Pecado venial quando há uma leve mistura de ódio ou de vingança, ou quando não há grande excesso na defesa. Pecado mortal quando se volta contra o atacante com expresse propósito de mata-lo ou feri-lo gravemente (TOMÁS DE AQUINO, ST, II^a II^{ae}, q. 41, art. 1, resp.).

Neste excerto Tomás de Aquino discorre que a rixa pode ser um pecado mortal ou um pecado venial. Pecado mortal, segundo o Catecismo da Igreja Católica (2000), são todos aqueles que são inaceitáveis pela religião, como matar e adultério, estes seriam os piores pecado por causarem danos terríveis a alma. Pecado venial seria aquele que cometemos diariamente e que não tem o peso do mortal, como grosserias, fofocas, julgamentos e etc., mas que também afetam as almas. Todos que cometem a rixa por si mesma cometem pecado mortal, aqueles que são atacados normalmente cometem pecados veniais por não estarem focados em atacar o outro. No entanto, se o inocente passa a se dedicar a destruição do outro, ele também comete pecado mortal.

Segundo o Mestre, desde pequenos estamos acostumados com grandes guerras pessoais entre duas ou mais pessoas causadas pela Rixa. Isto ocorreria devido a antipatia, inveja, destrato, grosseria e etc., de algum dos lados. Do ponto de vista do Mestre desde a infância a pessoa trava contato e pratica a Rixa, por isso, a educação para o controle da Rixa deve iniciar desde cedo.

Tomás de Aquino trata este vício, no cenário medieval, lançando mão da religião como meio de repreensão, bem como advertindo de que se a Rixa ocorre, ela tende a deteriorar as relações sociais. Esse procedimento a torna um pecado, mesmo que seja em legítima defesa, devido ao nível de intensidade em que o inocente responde o ataque. O atacado deve evitar e ignorar o agressor para que não peque junto com ele. Este discurso ainda é presente e as pessoas costumam compreender melhor por meio da religião. Porém, é preciso entender, que não é possível vivermos sozinhos; para vivermos em comunidade é preciso tolerância, respeito e paz entre as pessoas. Nesse sentido, o filósofo afirma que:

RESPONDO. A rixa, como foi dito, implica certa oposição que chega a vias de fato, quando um procura ferir o outro. Um procura ferir o outro de duas maneiras. Primeiro, procurando precisamente o mal do outro. E isso se refere ao ódio cuja intenção é ferir o inimigo abertamente ou secretamente. – Segundo, procura ferir o outro, que sabe e reage contra: e é o que implica a palavra rixa. Isto se refere à ira propriamente dita, que é apetite de vingança. Com efeito, não basta a quem está encolerizado prejudicar secretamente aquele contra o qual está irritado; quer, que este sinta e sofra contra a sua vontade, em represália do que fez, como se vê pelo que foi dito acima da paixão da ira. Por isso, a rixa nasce propriamente da ira (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, II-II, q. 41, art. 2).

No segundo artigo o mestre destaca que certas rixas tomam uma dimensão que os homens começam a se ferir com discursos de ódio, difamações, intrigas, podendo chegar em agressões físicas. Fazendo da rixa um pecado mortal e filha da ira. Assim, o Mestre assinala que:

QUANTO AO 3º, deve-se dizer que a ira, já foi dito, impede o juízo da razão. Daí sua semelhança com a insensatez. De onde se segue que tenham um efeito comum. Com efeito, por deficiência da razão acontece que alguém procure ferir o outro de maneira desordenada (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, II-II, q. 41, art. 2).

Por ser a rixa filha da ira, todas as atitudes que a manifestarem serão atos de insensatez. Se alguém se dedica a discórdia e nutre o sentimento de ira pelo outro, minimamente ele não estará pensando no coletivo e na vida em comum. Por isso o Mestre insiste na necessidade de a pessoa agir sempre

com a razão para não se perturbar e aceitar situações que o conduzam a praticar a Rixa. Desse modo, o Dominicano nos ensina que:

QUANTO AO 5º, deve-se dizer que a rixas causam o ódio e a discórdia no coração dos litigantes. Por isso, aquele que “medita”, isto é, que se propõe semear discórdia entre alguns, procura que litiguem entre si: assim como um pecado pode comandar o ato de um outro pecado, ordenando-o a seu fim. Daí, porém, não se segue que a rixa seja própria e diretamente filha da vanglória (TOMÁS DE AQUINO, ST, II-II, q. 41, art. 2).

O último apontamento do Mestre, percebido neste excerto, é que a rixa proporciona a meditação do ódio. Ou seja, um dos lados ou até os dois, ficam pensando, elaborando táticas para atacar e até destruir o outro. Nesse sentido, o mestre se posiciona contra a falta de moderação do vício da rixa, pois rixa todos em algum ponto da vida cometeremos, e o mestre sabe disto. No entanto a falta de controle do vício, resultado em todos os aspectos apresentados anteriormente, não destrói somente as relações sociais dos envolvidos, mas, os próprios homens e a sociedade. Portanto, ela deve ser combatida e evitada para que possamos viver em comunidade.

Trataremos agora sobre a nossa percepção em relação ao modelo de homem formulado por Tomás de Aquino.

O MODELO DE FORMAÇÃO HUMANA

Analisada a questão da Rixa, é perceptível que Tomás de Aquino estava orientando os seus leitores de como agirem em situações nas quais o sentimento e as atitudes de rixa estavam presentes.

Semelhante ao vício da *Rixa*, na Questão do Respeito (ST, II-II, q. 102), o Mestre dominicano reflete sobre a quem principalmente deve-se respeito, que seria uma pessoa constituída de dignidade. Para o mestre, ser uma pessoa digna significa que ele deve ter o domínio do conhecimento científico e ser líder da sociedade. Dessa forma, Tomás de Aquino propõe que alguém que é soberano em conhecimento deve ser líder da sociedade e merece o respeito de todos. Observemos suas proposições:

Desta forma, para estabelecer uma comparação entre respeito e piedade é preciso levar em consideração os diferentes tipos de relacionamento que têm conosco as diferentes pessoas afetadas diretamente por estas duas virtudes. É evidente que nossos pais e todos aqueles a nós ligados pelos laços do sangue estão unidos a nós de modo muito mais substancial do que as pessoas constituídas em dignidade; de fato, a geração e a educação, cujo princípio é o pai, nos concernem muito mais substancialmente do que o governo exterior, que tem por princípio aqueles que estão estabelecidos em dignidade. A este respeito, a piedade supera o respeito, porque rende culto a pessoas que nos tocam de mais perto e para com as quais temos muito mais obrigações (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, II-II, q. 102, art. 3).

Ainda no que se refere ao respeito, ele aponta que aos pais, se estes não forem pessoas como as que foram apresentadas acima, não se deve respeito, mas, sim, a obrigação da piedade. Para Tomás de Aquino, a piedade, nessa situação, significa veneração aos pais, reconhecimento e valorização por terem educado e cuidado de seus filhos. Assim, o sentimento de piedade para os pais supera o respeito a qual devemos aos superiores.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Tomás de Aquino disserta sobre a questão da Guerra (*ST*, II-II, q. 40), destacando que uma guerra só é lícita se tem o objetivo de defender a nação. Se o intuito dela for o contrário, sendo baseado na ambição, na disputa e na conquista, ela é ilícita e se torna prejudicial à sociedade.

RESPONDO. Os estratagemas destinam-se a enganar o inimigo. Ora, há duas maneiras de alguém ser enganado pelas ações ou palavras de um outro. Primeira, dizendo alguma coisa falsa ou não mantendo a promessa. E isso é sempre ilícito. Ninguém deve enganar o inimigo dessa maneira: com efeito, há direitos de guerra e convenções que devem ser observados, mesmo entre inimigos, diz Ambrósio. Segunda, alguém pode se enganar em relação às nossas palavras ou nossos atos porque não lhe revelamos nosso objetivo ou nosso pensamento. Ora, bem sempre somos obrigados a fazê-lo pois, mesmo no ensino da fé, há muitas coisas que é preciso esconder, sobretudo aos infiéis, para que não venham a zombar, segundo o Evangelho de Mateus: “Não deis aos cães as coisas santas”. Com mais razão ainda devemos ocultar o que preparamos para combater os inimigos (TOMÁS DE AQUINO, *ST*, II-II, q. 40, art. 2).

Os estratagemas são proibidos porque consistem em enganar e trapacear o outro; se a guerra for ganha dessa forma será injusta e um pecado. Desse modo, com o objetivo de ensinar a quem está lendo a se portar nas mais diferenciadas situações, Tomás de Aquino afirma que os homens só agem como agem, por terem sido ensinados e habituados a agir daquela forma. Logo, se queremos que um homem haja de determinada maneira é necessário que o ensinemos desde a infância. Ele nos lembra de que: “ [...] Por isso, os homens que também são bons e justos são, de fato, bons enquanto são, mas não são justos enquanto são, mas enquanto tem certo hábito ordenado ao agir” (TOMÁS DE AQUINO, *Questões Disputadas sobre a Verdade*, q. 21, art. 2).

Foi considerando que os homens devem ser ensinados e acostumados a agir, que Tomás de Aquino evidencia, por meio de sua obra, a ensinar os homens a se comportarem socialmente em busca do bem comum e a boa convivência entre todos. Refletir sobre a Rixa é necessário para que a sociedade não se destrua por questões mesquinhas e medíocres. Ensinar a prestar honra aos superiores e aos pais é importante por questão de ordem. Orientar a respeito sobre em qual situação a guerra deveria acontecer, em uma civilização marcada profundamente por grandes embates, é relevante para diminuir o caos e as consequências de guerras. Educar as pessoas visando o bem e o conhecimento é educar um homem íntegro e virtuoso.

Ao propor ao homem a observância dessas questões, Tomás de Aquino ensina o homem a ser comprometido com o seu meio, buscando o possível para que este se mantenha em ordem e em harmonia. Ao trabalhar essas questões de cunho social, o mestre considera, também, os homens como seres sociais que constituem uma sociedade. Logo, são eles a face de uma civilização. Assim, se há uma busca pela transformação da sociedade os homens também devem ser transformados. Esse desenvolvimento da sociedade e do homem acontece por duas vias: O conhecimento e o ensino. O conhecimento edifica e renova os homens, mas, para que isto que aconteça é necessário um professor mostrá-lo, ensiná-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomás de Aquino foi um homem comprometido com seu tempo, pois, ao constatar que os homens modificaram seus comportamentos, percebeu que havia a necessidade de uma nova forma de educação. Ao escrever suas obras, ele manifestou sua preocupação em orientar os homens a se portarem nessa nova sociedade. Para isto, ele propõe que, ao praticarem suas orientações, os homens têm a possibilidade de se tornarem pessoas íntegras e virtuosas em suas relações.

Quando nós professores ou profissionais da área da educação, propomos a pensar sobre qual cidadão queremos educar, lançando mão da perspectiva tomasiana. Devemos compreender, primeiramente, que para ensinarmos devemos conhecer e estudar muito. Os nossos alunos serão resultados do tanto que conhecemos, logo se eles não aprendem é que porque há algo de errado com o quanto nós conhecemos. Por conseguinte, os alunos são aquilo que seus professores o ensinaram a ser, portanto, se quando crescerem se tornarem pessoas desvirtuosas ou virtuosas, foi porque os ensinamos, ou não ensinamos, a ser assim. Por último, precisamos educar nossos alunos considerando sua totalidade, pois eles são constituídos de alma, matéria, experiências, relações, meios. Por fim, concluímos que a formação identificada nos escritos de Tomás de Aquino, foi uma educação íntegra que visa a totalidade do homem.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da História**, ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CHENU, Marie-Dominique. **Santo Tomás de Aquino e a teologia**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

LAUAND, Jean. **A atualidade de Tomás de Aquino**. 2006. Disponível em: < http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=449&secao=198 >. Acesso em: 13 dez. 2016.

LAUAND, Jean. Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia. **Acta Scientiarum Education Maringá**, Maringá, n.º 34m p. 11-18, 2012.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Tradução de José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.

OLIVEIRA, Terezinha. A importância da leitura de escritos Tomasianos para a formação docente. **Revista Notandum**. São Paulo/Porto, n.º 21, 2009, p.75-83.

OLIVEIRA, Terezinha. O ambiente citadino e universitário do século XIII: *locus* de conflitos. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Antiguidade e Medievo: Olhares Histórico-Filosóficos da Educação**. EDUEM, Maringá, 2008, p. 227-250.

OLIVEIRA, Terezinha. As Universidades na Idade Média (séc. XIII). **Revista Notandum Livro 5**. São Paulo/Porto: Mandruvá/Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto, 2005.

OLIVEIRA, Terezinha. Poder e escolástica no Ocidente Medieval. **Revista de História** (UFES), vol. 25, 2010, p. 266-285.

PIERPAULI, José Ricardo. **Racionalidad Práctica y Filosofía Política**. Los modelos de Alberto Magno y de Tomás de Aquino y su significado para la Filosofía Política actual. Buenos Aires: Lancelot, 2007.

SILVEIRA BUENO: **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. SP: FTD, 2007.

TOMÁS DE AQUINO. **O Bem**: questões disputadas sobre a Verdade, Questão 21. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas, SP: Ecclesiae, 2015.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.